

NACIONAL



Mais de dois mil
docentes de
outros países
exercem até ao
Secundário

Nunca houve tantos professores estrangeiros

Docentes de outras nacionalidades
no ensino português praticamente
dobraram em dez anos

Pedro Emanuel Santos
pedro.santos@jn.pt

EDUCAÇÃO O número de professores estrangeiros em Portugal quase duplicou na última década. De 2151 em atividade, em 2013/14, o valor passou para 3921, em 2023/24, último ano letivo para o qual existem dados oficiais disponibilizados pela Direção-Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC), o que significa um aumento de 82%. É o maior valor de sempre desde que existem registos.

O mais recente "Perfil do Docente", relatório elaborado pela DGEEC que traça o retrato do ensino nacional, indica que 2103 professores não portugueses exercem nos níveis que vão do Pré-Escolar ao Secundário, enquanto os restantes 1818 atuam nas universidades (1400 do-

centes) e politécnicos (418). No entanto, e apesar de terem subido substancialmente, representam ainda uma escassa fatia dos 190 485 profissionais em atividade contabilizados pela DGEEC.

Francisco Gonçalves, secretário-geral da Federação Nacional de Professores (Fenprof) recorda que "o país se confronta com défice de professores e há que encontrar respostas para o colmatar". O dirigente sindical crê que o recurso a estrangeiros "pode ser uma das soluções, desde que sejam sempre respeitadas as exigências relativas à fatura das qualificações necessárias para o exercício de funções".

O "Perfil do Docente" aponta ainda que a nacionalidade predominante entre os professores internacionais que exercem até ao 12.º ano é a britânica

DADOS

289

professores estrangeiros nas universidades públicas portuguesas têm entre 50 e 59 anos, segundo o "Perfil do Docente".

74%

dos profissionais de outras nacionalidades que exercem no país possuem doutoramento.

1180

são os docentes não portugueses em atividade no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.

(17,5% do total). Seguem-se franceses (15%), brasileiros (12,5%) e, também, angolanos e alemães (ambos representam 8,7%).

PRECISAM DE APOIO

Neste segmento, foram 1770 os novos professores vindos de fora do país que chegaram desde 2014. "Eles podem desempenhar um papel importante, mas a sua plena integração exige acompanhamento, formação e apoio institucional", avisa Pedro Barreiros, secretário-geral da Federação Nacional de Educação (FNE). "A diversidade pode e deve ser um fator de enriquecimento para o sistema educativo, desde que seja acompanhada por políticas de valorização e inclusão consistentes", considera.

Já no Ensino Superior, o valor total (1818) também é o mais alto de sempre. Há uma década era de apenas 1124, ou seja, menos 694 professores em relação à realidade atual. "O trabalho realizado em Portugal é um fator de atração para

quem vem de fora. No entanto, a combinação entre os baixos salários praticados e o aumento dos preços da habitação verificado nos últimos anos tem sido um fator de retração para captar ainda mais professores estrangeiros", assinala José Moreira, presidente do Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNESup). "A capacidade de competir com outras realidades acaba por tornar-se mais complexa por causa desses problemas que afetam a qualidade de vida", lamenta.

Os dados oficiais referem que as origens mais frequentes de docentes estrangeiros no Superior são o Brasil, Espanha e Itália, sendo possível encontrar outras pouco comuns, como a Grécia, Irão, Colômbia ou Hungria. A maioria (1115) exerce em universidades públicas, ao passo que 285 no politécnico. "A comunidade académica tem de ser aberta, é a única forma de o conhecimento e a ciência se espalharem", diz José Moreira. ●



Pedro Barreiros
Secretário-geral da FNE

"Estrangeiros já estão certamente a contribuir para atenuar a falta de professores em algumas regiões do país"



José Moreira
Presidente do SNESup

"São sempre necessários e bem-vindos mais docentes internacionais, sobretudo nas áreas científicas"

ID: 119632395

16-10-2025

